

UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE *BULLYING* HOMOFÓBICO DE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Orientador: Luís Felipe Rios

Autor: Amanda Pereira de Albuquerque

Universidade Federal de Pernambuco, amanda.palbuquerque@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca contribuir para o campo dos estudos sobre sexualidade na escola e do *bullying* homofóbico na Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. A partir da análise das experiências escolares de homem que fazem sexo com homens (HSH), incluindo a população dos que se identificam como gay e os que tem práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. O projeto-guarda chuva na qual o estudo se articulou, possuía uma parte qualitativa, onde 380 HSH da região metropolitana do Recife foram submetidos a um inquérito comportamental, e 20 deles responderam entrevistas semiestruturadas do estudo qualitativo sobre as experiências escolares, história de vida e sexual. Além de observações participantes. 13 entrevistas sobre as experiências escolares foram selecionadas e submetidas à análise temática para este artigo. Os dados apontaram que as piadas, brincadeiras, apelidos, rumores como as práticas mais comuns do *bullying* homofóbico. Outro ponto que nos chamou atenção foi que as experiências homofóbicas já aconteciam desde crianças, antes mesmo de se perceberem ou se assumirem como homossexuais, devido a seus trejeitos e modos de se expressar efeminados, apesar de só 1 deles ter reconhecido sua identidade de gênero como feminina. Identificamos estratégias de enfrentamento como o uso da popularidade, que tem um valor duplo, ignorar as ofensas, se fechar dos círculos sociais e até suicídio. O estudo aponta a necessidades de políticas de combate o *bullying* dentro do ambiente escolar, incluindo todo o corpo escolar que muitas vezes faz parte dessas práticas de opressão e violência.

Palavras-chave: Bullying, Homofobia, Escola.

INTRODUÇÃO

As instituições de ensino são concebidas como um lugar para a constituição de cidadãos e de transferência de valores e conhecimento. As crianças e adolescentes passam grande parte dos seus dias nas escolas, sendo um espaço social vital para as experiências amorosas, sexuais, familiares, com pares. E onde muitos sofreram *bullying* (OLWEUS, 1997) por serem diferentes e carregam até hoje vestígios dessa experiência traumática.

A expressão *bullying* deriva da palavra inglesa *bully* que traduz por “valentão”, “tirano”, “brigão”. Refere-se a ações intencionalmente e repetidamente cometidas fisicamente ou de forma socialmente negativa, como comportamentos intimidadores, humilhantes e opressivos. Ao longo de um tempo, por um ou mais sujeitos que não apresentam motivos aparentes, contra uma pessoa que não é capaz de se defender (OLWEUS, 1997).

Normalmente, as vítimas do *bullying* são naturalizadas socialmente como diferentes, inferiores, anormais, devido a sua orientação sexual, estilo corporal, identidade de gênero, desse modo, regulando as normas de gênero afim de manter a ordem heterossexual (PARKER, 1991). Sendo assim, alvos de violência dentro da escola. Como é um problema que afeta predominantemente as relações das crianças e adolescentes, e no ambiente escolar é onde se configura interações entre esses grupos, é entendido como uma violência escolar, *bullying* escolar (OLIBONI, 2013).

A literatura tem apontado altos índices de discriminação dentro do espaço escolar contra pessoas LGBT, expressas especialmente em piadas e comentários maldosos (BONTEMPO & D’AUGELLI, 2002; WARNER et al, 2004; PURUCCHI & CORRÊIA, 2013; ALBUQUERQUE & WILLIAMS, 2015; RIOS et al, 2018). Nos Estados Unidos, BONTEMPO & D’AUGELLI (2002) coletaram dados de 9.188 estudantes do 9º ano até o 3º ano em Massachusetts e Vermont, sendo que 315 deles se identificaram como jovens lésbicas, gays e bissexuais (LGB). Então, identificaram alguns efeitos do *bullying* homofóbico nessas vítimas, como: Ideação suicida e/ou tentativa de suicídio, alcoolismo, abuso de substância, práticas sexuais inseguras e/ou evitação de estratégias de proteção, como não se utilizar da camisinha nas relações sexuais, e por último, falta às aulas e recusa a frequentar o espaço escolar. Os autores apontaram que esses riscos para a saúde mental dos jovens LGB podem ser mediados pelas vitimizações sofridas no período escolar.

Conforme, Louro (2008) em diálogo com Michel Foucault (1988) a norma é um princípio de comparação, assim, as diferenças seriam atributos dados aos sujeitos em

referência a outros, numa relação. Assim, o “normal” está sempre presente, presumido e naturalizado, não é necessário falar sobre. E todas as identidades que se diferenciam seriam marcadas como tal, serão marcadas como as diferentes. Portanto, a diferença é produzida através de processos discursivos, culturais, de nomeação e de comparações. A diferença é “ensinada”. Oliboni (2013, pp. 4) em seu artigo caracteriza as expressões do bullying:

O bullying costuma se manifestar através do uso de apelidos de mau gosto, palavras ou gestos depreciativos, exposição a situações vexatórias com vistas a ridicularizar, perseguir e ameaçar de agressão física. Quando a ameaça se concretiza, ela adentra no campo da violência física demonstrando a evolução do fenômeno.

Desse modo, Oliveira-Menegotto, Pasini & Levsndoski (2013) apontam que relações de poder sustentadas por autoritarismo, repressão e falta de diálogo podem ter íntima relação com o *bullying*, o que permite entender que o *bullying* não é apenas praticado pelos alunos, porém, por professores, funcionários e diretoria, por toda a instituição escolar

O termo *bullying* homofóbico, então, concerne à violência sofrida por alunos e alunas gays, lésbicas, bissexuais e travestis e transexuais (DINIS, 2011). Especialmente, esse tipo *bullying* teria por vítima uma pessoa que é ou aparenta ser homossexual (REIS, 2012). O termo homem que faz sexo com homem (HSH) compreende a população que se identifica como gay, como também os que tem práticas sexuais com homens, mas não se identificam como gays.

O estudo presente buscou identificar as experiências de *bullying* homofóbico na escola de jovens e as piores experiências escolares mediadas por práticas homofóbicas e suas estratégias de enfrentamento. Buscou contribuir para o campo teórico dos estudos sobre sexualidade na escola e do *bullying* homofóbico no Brasil e na Região Metropolitana do Recife, onde têm apresentado dados escassos na literatura.

METODOLOGIA

O projeto intitulado de “Homossexualidade masculina e vulnerabilidade ao HIV/AIDS na Região Metropolitana do Recife” do Laboratório da Sexualidade Humana (LABESHU) da Universidade Federal de Pernambuco compreendeu a população de homens que fazem sexo com homens da Região Metropolitana do Recife (RMR), no estado de Pernambuco. Foram realizadas a aplicação de 380 questionários no formato de inquérito comportamental, de 2016 até 2017, entrevistas semiestruturadas com 20 participantes do estudo quantitativo, em 2016 à 2017 e observações participantes nos espaços de homossociabilidade mencionados nas entrevistas, de 2013 à 2017. Participaram HSH com idade variando de 18 a 51 anos.

A pesquisa abordou as práticas sexuais, a vulnerabilidade ao HIV e a violência, intercalando com as emoções, sentimentos, estilos corporais, espaços de homossociabilidade, experiências escolares e outros marcadores.

Para a amostra inicial foram recrutados dez homens com práticas homossexuais em seis municípios da RMR pela técnica da referência em cadeia (VALENTE, 2010), onde os próprios participantes indicavam outros candidatos. Esses homens responderam perguntas sobre os lugares de homossociabilidade que frequentavam, suas dinâmicas e sobre suas vivências sexuais.

A partir dessa amostra inicial, as redes de relacionamentos foram se construindo, totalizando 10 redes, onde 380 HSH responderam um inquérito comportamental e 20 responderam as entrevistas do estudo qualitativo, com entrevistas semiestruturadas com enfoque temático. Os dados do estudo qualitativos e das observações participantes foram submetidos à análise temática (BLANCHET, GOTMAN, 1992). Enquanto, o inquérito comportamental, com corte transversal, teve como foco a vulnerabilidade ao HIV, e seus atravessamentos.

Para esse artigo nos selecionamos 13 entrevistas do estudo qualitativo sobre as experiências escolares envolvendo suas orientações sexuais e performances de gênero. As idades dos entrevistados variaram de 19 e 39 anos, envolvendo residentes de Recife, Olinda, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho e Paulista, municípios da RMR. Utilizamos da análise temática (BLANCHET, GOTMAN, 1992) para o tratamento desses dados também.

Sobre o perfil dos participantes, a idade dos 13 participantes variou entre 19 anos e 39 anos. 10 deles se identificaram como gays ou homossexuais e 3 se identificaram como bissexuais. 5 dos entrevistados eram de Recife, 4 eram de Jaboatão dos Guararapes, e apenas 1 de Olinda, 1 de Ipojuca, 1 de Paulista e 1 de Cabo de Santo Agostinho. A escolaridade se distribuiu em 10 participantes com ensino superior incompleto, 2 com ensino superior completo e um deles que estudou até o 9º ano, assim, possui o ensino fundamental 2 completo.

Foi pedido que classificassem suas identidades de gênero. Assim, 6 deles se identificaram como homens ou masculinos, apenas 1 se reconheceu como efeminado, e 2 se identificaram como meio termo ou masculino e feminino, enquanto, 1 se identificou “ambos, mais masculino”, 2 como fluido ou livre e 1 como transformista. Houve também, o esforço da entrevistadora de classificar o estilo dos participantes, a partir do que entendia socialmente por feminino e masculino, diante da vestimenta, modo de falar, gestos, do estilo corporal que

eles apresentavam. Desse modo, os participantes foram classificados em *boys* e *pintosos*, termos êmicos, os *boys* se referem aos homens que passam masculinidade no seu estilo corporal, já os *pintosos* referem-se a aqueles que “dão pinta”, passam feminilidade (RIOS et al, 2016). Assim, foram identificados 12 participantes como *pintosos* e 1 como *boy*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 13 entrevistas apontaram para as piadas, brincadeiras, apelidos, rumores e xingamentos como as práticas mais comuns do *bullying* homofóbico. Dentro do ambiente escolar, não houve relatos de violência física contra nossos entrevistados. Apenas três participantes relataram não terem sofrido nenhum tipo *bullying*, especialmente o homofóbico, no período escolar.

Tivemos um grupo heterogêneo no que se refere a alunos de escolas públicas e particulares, no entanto, não observamos nenhuma diferença entre o *bullying* homofóbico nesses dois tipos de escolas. No estudo de Malta et al. (2010) baseada em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com 60.973 alunos do 9º ano do ensino fundamental de 1.453 escolas públicas e privadas de todo o Brasil, observaram que não há diferença de *bullying* no índice de ocorrência entre escolas públicas e privadas.

Como vários estudos apontam as agressões de caráter verbal, de modo sutil ou explícito, são as expressões mais comuns (PEREIRA, VARELA & SILVEIRA, 2016; OLIBONI, 2013, BONTEMPO & D’AUGELLI, 2002). O *bullying* direto é caracterizado por agressões físicas, enquanto o indireto implica agressões mais sutis, de forma verbal. Desse modo, o *bullying* pode se encontrar de modo explícito, mas também pode manifestar-se sutilmente, sendo confundido com brincadeiras (OLIVEIRA-MENEGOTTO, PASINI & LEVSNOSKI, 2013; OLIBONI, 2013). Alberto (19 anos, pintoso) reflete sobre os comentários que ouvia no período escolar: “Tipo chamar gay, viado, coisas que ofendiam naquela época por que eu não tinha a mente muita aberta, entende? Não me aceitava bastante”. E Manoel (23 anos, pintoso), acrescenta: “Ah muita gente já falou “Tu é viado, porra! Dá o cú? Chupa rola?”.

A maioria dos nossos relatos apontam para os próprios estudantes como praticantes do *bullying*, os *bullies*. Especialmente, alunos que não fazem parte da rede de amizade dos entrevistados, como o próprio Alberto (19 anos, pintoso) comentou:

Desde criança assim, pelo meu jeito assim, eu sempre tive um jeito, nunca fui másculo não, também nunca andei com muito amigo, era com muita

menina [...]. Eu tive sempre uma rejeição por parte dos meninos da escola, tanto no primário como ensino médio também. Tiveram casos de chegar e ficar xingando e tal. Sem saber de nada, sem me conhecer. [Não eram pessoas que eram teus amigos?] Não eram pessoas que eram meus amigos.

Outro ponto que nos chamou atenção foi que as experiências homofóbicas já aconteciam desde crianças, como Alberto trouxe, e antes mesmo de se perceberem ou se assumirem como homossexuais, mas devido a seus trejeitos, modos de andar, falar e de se expressar efeminados eles eram estigmatizados. No entanto, pudemos observar que apenas um deles se reconheceu como efeminado.

Em pesquisa anterior (ALBUQUERQUE & RIOS, 2015; RIOS et al, 2016) realizado com os 25 homens, observaram que a *pinta* é uma construção de estilística corporal não volitiva que se inicia na infância, sendo objeto de estigmatização na família, vizinhança e escola, instituições que promovem tentativas de correção embasadas na discriminação e violência em função do que é esperado para os homens.

Podemos então, inferir que os nossos entrevistados que classificamos a partir de seus estilos corporais como *pintosas*, já apresentavam essa performance na infância, e sem se darem conta eles passavam feminilidade, na qual seus efeitos eram identificados pelos colegas da escola, pela família e assim, justificava as injúrias, piadas, apelidos que sofriam.

A homofobia na escola se caracteriza pela resistência dos corpos em se adequar a norma heterossexual compulsória vigente, quem não se enquadra aos papéis de gênero e orientação sexual esperada para os sexos, no nosso caso, homens heterossexuais e homens “de verdade”, masculinos, esses ficam sujeitos à rejeição e a violência de diversas formas (REIS, 2012; DINIS, 2011). Manoel (23 anos, pinto) reforçou essa questão de gênero e a homofobia:

[Na tua vida escolar tu chegou a sofrer algum tipo de preconceito?] Totalmente, em todos os lugares. [Se tu fosse descrever as piores experiências na escola?] Todo mundo dizia meu amigo, mas sempre tinha os rumores, “Será que Manoel é gay?”, essa coisas vão matando a gente, tipo pedacinho por pedacinho, entendeu? Por que eu fazia o possível para não transparecer aquela coisa que todo mundo comentava, mesmo eu não querendo ser, eu sendo, mas eles comentavam, mas eu fazia o possível para, tipo gay, não balançar muito os braços, rebola, eu só andava reto, aquela coisa para ninguém desconfiar.

Já Manoel tinha clareza dos efeitos que seus comportamentos passavam e por isso, buscava para controla-los através de algumas estratégias: “não balançar muito os braços, rebolar, eu só andava reto, aquela coisa para ninguém desconfiar” para evitar sofrer as estigmatizações.

Assim, podemos observar que a discriminação ocorre tanto contra os que se afirmam gays como os que não se encaixam nos papéis de gênero esperados, para ambas as práticas caracterizamos de *bullying* homofóbico (PEREIRA, VILELA & SILVEIRA, 2016).

O elemento popularidade entre os amigos e na escola, por serem comunicativos e participativos nas atividades escolares apareceu em diversos relatos. Essa característica garantia alguma proteção contra os *bullies*. Ricardo (23 anos, pintoso) e Matheus (20 anos, pintoso), respectivamente, nos ajudaram a entender esse fenômeno:

Fui muito popular na escola, sempre as pessoas estavam do meu lado, as pessoas sabiam que era homossexual, me apoiavam, coisa que eu não esperava de forma nenhuma. Eu me assumi numa festa da escola e todo mundo me apoio. Quando me assumi tinha 15. Todo mundo me apoiou e me aplaudiu.

No entanto, essa proteção era frágil, como Lucas (24 anos, pintoso) relata na escola que estudou no Ceará. O que nos fez a questionar se esse tipo de situação aconteceu com nossos participantes que estudaram em Pernambucano, infelizmente, esse fator só foi relatado por Lucas, “Rolava da minha turma fazer *bullying* com outras pessoas, eu não fazia, mas ficava quieto, por que corria o risco de eu tentar defender a outra pessoa e acabar, perder a proteção que eu tinha na escola”.

Dinis (2011, pp. 43) aponta que é muito comum o silenciamento das experiências de *bullying* homofóbico:

Esse silenciamento, que se traduz também na omissão quando aparecem os casos de violência física ou verbal sofrida por estudantes que expressam sua diferença sexual e de gênero, é compartilhado pelas (os) professoras (es) que evitam discutir o tema da diversidade sexual e de gênero nas escolas.

O receio de abordar e lidar com o tema pelos professores, funcionários e diretoria, ou seja, o corpo estudantil acaba garantindo que essa prática violenta continue fazendo parte do cotidiano das vítimas (PEREIRA, VILELA & SILVEIRA, 2016). Não só sendo praticada pelos alunos, como pelo corpo estudantil que tem o dever de garantir um ambiente escolar saudável e seguro para o desenvolvimento.

Renan (21 anos, pintoso) relata uma situação na qual foi reprimido pela direção da escola também, e nomeou como sua pior experiência o escolar. Nesse retrato, podemos observar que o discurso religioso foi inserindo como um argumento que justificaria discriminação que ele estava sofrendo. Além disso, outro motivo que justificaria essa intervenção da escola seria, exatamente, por ele ser popular e conhecido na escola, assim, esse tipo de comportamento desviante, o homossexual, não seria aceito. Se ele fosse do tipo quieto, a história teria um rumo diferente. Ou seja, silenciado era mais aceitável, como podemos

observar:

[Sofreu algum tipo de *bullying* na vida escolar?] Na (vida) escolar? Gente, demais. Eu era do grupo de teatro do colégio, e aí quando me assumi lá a diretora me expulsou do teatro [...] [Tu era o único gay na escola?] De jeito nenhum, aí que tá a desculpa dela, “você é muito bem visto aqui, todas as peças você faz”, eu era realmente, sou muito conhecido lá nesse meu colégio, pelos mais velhos, pelos mais novos, quando eu apareço lá sou muito reconhecido ainda, pela quantidade de peças que eu fazia e todo mundo assistia. [...] Aí ela disse “que isso não era atitude de homem certo, atitude de um homem de Deus”, me expulsou do grupo de teatro.

Aqui a popularidade ganha um valor duplo, tanto pode garantir a proteção contra os *bullies*, como demonstramos, porém, exatamente por ser popular, isso coloca a vida dos sujeitos em evidência e “sair do armário” os colocaria em foco de discriminação. Por Renan ser popular, essa informação sobre sua sexualidade chamou a atenção da diretoria que levou à repressão descrita.

Por outro lado, dois dos três participantes que afirmaram nunca terem sofrido *bullying* homofóbico, apontam que devido ao suporte dos professores e diretoria as suas experiências escolares foram positivas, eles comentaram:

Naquela época eu tinha um professor que era homossexual, ele sempre gostou de deixar claro isso para todo mundo, e ele sempre conversa com ele achava que era e eu tava nesse meio, ele sempre apoiava, a diretoria também (Ricardo, 23 anos, pintoso).

[Nas tuas duas escolas teve uma situação que tu viu alguém sofrendo *bullying* por ser gay?] Não, por incrível que pareça não. [...] Eu nunca escutei nenhum caso, se por ventura tivesse, a gente era instruído que se por ventura tivesse ir direto na coordenação com nomes, e esses nomes seriam chamados, e talvez até expulsos. Até por que eram dois diretores e eles eram casados, então o negócio era bem... Até os pais, meus pais e os pais de todos os alunos que estava lá sabiam da situação dos diretores e tal, e isso talvez já instruisse a respeitar (Felix, 22 anos, boy).

Aqui entra um dos maiores desafios para o combate contra o *bullying* que é fazer a escola assumir sua parcela de responsabilidade nas das práticas de *bullying*. Mais ainda, sensibilizar os professores e corpo escolar quanto ao *bullying* e suas consequências físicas e psicológicas, investindo na qualidade da relação professor-aluno, escola-aluno como forma de combate (OLIVEIRA-MENEGOTTO, PASINI & LEVANDOWSKI, 2013). Mesmo diante desses casos, não identificamos nenhum tipo de política, ou programa de prevenção e identificação do *bullying* e do *bullying* homofóbico no contexto escolar.

Os desdobramentos do *bullying* homofóbico são diversos e sempre são prejudiciais para as vítimas, fisicamente, moralmente, psicologicamente, levando até assassinato e suicídio (BORRILLO, 2001). Como Bontempo e D’Augelli (2002) mostraram nos Estados Unidos, os efeitos *bullying* homofóbico chegam em ideação suicida e/ou tentativa de suicídio. Warner et

al (2004) acrescenta que as pessoas LGB têm altos níveis de distúrbios mentais, possivelmente relacionados à discriminação que sofreram também na escola. Manoel (23 anos, pintoso) retrata os sofrimentos passados no período escolar, como as fofocas e a autovigilância o levaram a tentar suicídio:

Aí quando eu vi eles conversando, falando essas coisas, poxa não tá funcionando o que eu tô fazendo, o porquê disso, será que estão achando que eu sou, ficava aquela perturbação na mente todo momento da vida. Se eu tava indo para a escola, eu pensava, se eu tava saindo da escola, eu pensava, se eu tava entrando em qualquer lugar, se eu falasse, trejeitos que eu fizesse, eu ficava nessa coisa de auto me vigilando, isso é o ruim, foi o pior, pior. É uma fiscalização de você mesmo, entendeu? É uma autovigilância e você não quer sair daquele padrão que você exige de si mesmo para ninguém desconfiar, aquela coisa e no final eu tentei um suicídio, por que não aguentei a pressão, mas depois eu vi que não valia a pena.

Diante dos dados encontrados podemos identificar algumas estratégias de enfrentamento, que não indicaram necessariamente sucesso na possibilidade de uma heterossexualidade e nem na proteção contra as práticas de *bullying*. A popularidade, já discutida, ignorar as ofensas, se fechar do convívio social e se relacionar que pessoas do sexo oposto para manter a fachada.

Por outro lado, Felix (22 anos, pintoso) nos pareceu usar uma estratégia mais voltada para o combate ao *bullying*, apesar de nunca ter sofrido nenhum tipo violência homofóbica, conta teve uma experiência positiva por possuir uma atitude não permissiva a esse tipo de “brincadeira”, como ele relata “Acho que era uma questão de respeito, eu me dava um respeito, não dava certas liberdade e as pessoas sempre me olhavam assim com respeito”.

O mesmo entrevistado conta a importância de ter tido uma experiência positiva e sadia na vida escolar, sem experiência de *bullying* homofóbico, ele pode desenvolver sua liberdade de se expressar e de pensar:

Eu acho que essa questão, a falta, né, de não sofrer nenhum preconceito, nada disso na vida escolar, foi bem positivo, por que talvez se eu tivesse eu teria me reprimido e tal, não seria e não teria a liberdade que eu hoje eu tenho, e os pensamentos que tenho hoje.

CONCLUSÕES

Podemos observar que as práticas opressoras e violentas das *bullying* homofóbico fizeram parte de toda vida escolar da maioria dos nossos participantes e muitos ainda carregam vestígios até hoje. Mais do que isso, o ambiente escolar que deveria ser formador de cidadãos críticos, onde suas vozes deveriam ser acolhidas, hoje é um espaço onde se encontram suas piores experiências referentes às suas sexualidades.

A feminilidade em seus corpos, como um estilo corporal se apresentou alvo de estigma, tanto quanto se identificarem como gays no período escolar, desencadeando algumas estratégias de defesa como uso da popularidade, isolamento, “ignorar” as ofensas, tentativas de mudanças comportamentais, repressão do desejo de homens, até tentativa de suicídio. A maioria das narrativas foram embasadas na discriminação, estigmatização e repressão, como expressões do bullying homofóbico para a produção subjetiva/identitária afim das normas de gênero.

O artigo buscou de analisar as experiências homofóbicas e suas expressões no período escolar de homens gays da RMR. Devido à escassez de estudos sobre esse tema no Brasil, especialmente em Pernambuco, esperamos incentivar e subsidiar os próximos estudos e políticas públicas afirmativas para a população gay, promovendo respeito à expressão sexual e combate à *bullying* homofóbico.

Ressaltamos que se faz necessário mais estudos sobre os atores sociais que participam do *bullying*, como em eles atuam, quais os mecanismos são utilizados na prática do *bullying*, o índice de evasão dos homens gays, quais as consequências na vida adulta e como a escola, com professores, diretoria e funcionários contribuem para esse movimento. Assim, será possível desenvolver dispositivos para a identificação, combate e responsabilização dos atores. Apontamos para a discussão da atuação da Psicologia, como um campo fértil para analisar e atuar preventivamente contra esse fenômeno tão nocivo psiquicamente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Amanda Pereira & RIOS, Luís Felipe. **Os usos de atributos de feminilidade e a participação de homens jovens nos circuitos de sociabilidade na comunidade homossexual do Recife**. Iniciação científica, Universidade Federal de Pernambuco, Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco. Orientador: Luís Felipe Rios do Nascimento, 2015.

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo & WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti Albuquerque. Homofobia na escola: Relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**; v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015.

BLANCHET, Alain, GOTMAN, Anne. A enquete e seus métodos: a entrevista. Paris: Editions Nathan, 1992.

BONTEMPO, Daniele & D'AUGELLI, Anthony. Effects of at-school victimization and sexual orientation on lesbian, gay, or bisexual youths' health risk behavior. **Journal of Adolescent Health**; v. 30, n. 5, p. 364–74, 2002.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**; v. 15, n. 2, p. 3065-3076, 2010.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde. Ano II - nº 1 - até semana epidemiológica 26ª - dezembro de 2013.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educ. rev.**, Curitiba; n. 39, p. 39-50, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*; v. 1, n. 2, 2008.

OLIBONI, Samara Pereira **O bullying sob o entendimento de adolescente: reflexões e construções**. In: XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Curitiba, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/10440_6790.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado, PASINI, Audri Inês & LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicologia: Teoria e Prática**; v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013.

OLWEUS, Dan. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**; v. 7, n. 4, p. 495-510, 1997.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo, Best Seller. cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, p. 116-122, 1991.

PEREIRA, Graziela Raupp, VARELA, Cristina Monteggia, & SILVEIRA, Guilherme Pereira. O fenômeno do bullying homofóbico nas instituições de ensino: O direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**; v. 10, n. esp, p. 1489-1503, 2016.

REIS, Toni. **Psicologia e a questão da violência nas escolas**. Palestra na 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, São Paulo-SP, 2012. Disponível em: <<http://www.tonireis.com.br/wp-content/uploads/2014/06/psicologia-violencia-nas-escolas.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

RIOS, Luís Felipe et al. **Pintosas, boys e cafuços: estilos corporais, erotismo e estigmatização entre homens que participam da comunidade entendida do Recife**. In: Vieira, L. L. F., Rios, L. F & Queiroz, T. N. (Org.). Gays, lésbicas e travesti em foco: diálogos sobre sociabilidade e acesso à educação e saúde. 1ed. Recife: EdUFPE; v. 1,p. 17-47, 2016.

RIOS, Luís Felipe. et al. “Foi como se a gente tivesse visto a morte”: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. **Laplage em Revista**; v. 4, n. 1, p. 140-158, 2018.

VALENTE, Thomas. **Social networks and health: Models, methods, and applications**. Oxford: University Press, 2010.

WARNER, James et al. Rates and predictors of mental illness in gay men, lesbians and bisexual men and women: Results from a survey based in England and Wales. **British Journal of Psychiatry**; v. 185, n. 6, p. 479 – 485, 2004.